

Revista
Brasileira de
**Linguística
Antropológica**

Volume 17 – 2025



UnB



e-ISSN: 2317-1375

Universidade de Brasília

Reitora

Rozana Reigota Naves

Vice-Reitor

Márcio Muniz de Farias

Decana de Pesquisa e Inovação

Renata Aquino

Diretora do Instituto de Letras

Gladys Quevedo Camargo

Vice-Diretora do Instituto de Letras

Flávia de Oliveira Maia Pires

Diretora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI)

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

R454 Revista Brasileira de Linguística Antropológica / Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Editora – v. 17 (2025) – Brasília, DF: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2025.

Anual

e-ISSN: 2317-1375

Publicação *on-line*: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

1. Linguística antropológica. 2. Línguas e culturas indígenas – Américas. 3. Linguística histórica. 4. Tipologia linguística. I. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 81'27

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL-UnB)
Endereço: ICC Sul, sala BSS-234, Campus Universitário Darcy Ribeiro
CEP 70900-900, Brasília-DF, Brasil

Criatividade lexical: neologismos em Tuparí

Lexical creativity: Neologismes in Tuparí

Poliana Alves¹

ORCID: 0000-0002-2734-7798

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v17i1.61007>

Recebido em outubro/2025 e aceito em novembro/2025.

Resumo

Este estudo apresenta uma análise do processo de criação lexical na língua indígena brasileira Tuparí no que se refere aos nomes dados a conceitos da cultura não indígena e que foram incorporados à cultura do povo Tuparí. Para tanto, utilizam-se dados retirados de verbetes do trabalho intitulado “O léxico do Tuparí: proposta de um dicionário bilíngue” de Alves 2004. Faz-se, primeiramente, uma síntese de estudos que abordam o processo de nomeação e o processo de categorização, a fim de situar a atividade de nomear conceitos apreendidos pelo homem. Após a apresentação desses estudos teóricos, há a explicação sobre os modos como a língua Tuparí nomeia os novos conceitos. Com isso, verifica-se a criatividade do povo Tuparí em nomear os novos conceitos da cultura não indígena e a sua lealdade com relação à sua própria língua.

Palavras-chave: Tuparí; Criação Lexical; Neologia.

Abstract

This study presents an analysis of the process of lexical creation in the Brazilian indigenous language Tuparí in relation to the names given to concepts from non-indigenous culture that have been incorporated into the culture of the Tuparí people. To do this, we used data taken from entries in the work “O léxico do Tuparí: proposta de um dicionário bilíngue” (The Tuparí lexicon: a proposal for a bilingual dictionary) by Alves 2004. Firstly, a synthesis is made of studies that deal with the process of naming and the process of categorization, in order to situate the activity of naming concepts apprehended by man. After presenting these theoretical studies, there is an explanation of the ways in which the Tuparí language names new concepts. This shows the creativity of the Tuparí people in naming new concepts from non-indigenous culture and their loyalty to their own language.

Keywords: Tuparí; Lexical Creation; Neology.

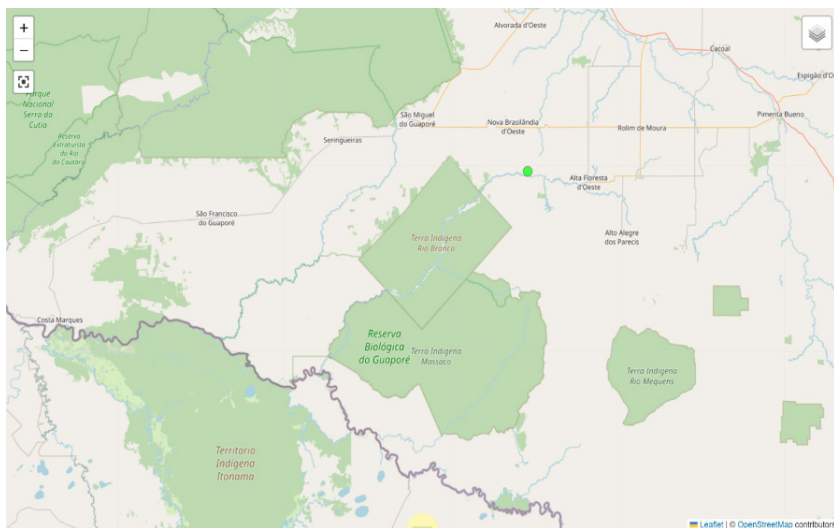
¹ Professora associada no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília. E-mail: poliana1806@hotmail.com.

Introdução

Este trabalho visa descrever o processo de criação lexical na língua Tuparí no que se refere aos conceitos da cultura não indígena que foram incorporados à cultura indígena Tuparí. A partir dos dados apresentados, retirados de verbetes do trabalho intitulado “O léxico do Tuparí: proposta de um dicionário bilingue” (Alves, 2004), verifica-se o caráter inventivo e produtivo desse povo ao nomear esses novos conceitos.

Informações sobre o povo e a língua Tuparí

A comunidade Tuparí é falante da língua de mesmo nome, classificada, de acordo com Rodrigues (1986), como pertencente à família linguística Tuparí que, por sua vez, está inserida no tronco Tupí. O povo Tuparí, cuja população está em torno de 620 indivíduos, reside, em sua maioria, na Terra Indígena (T.I.) Rio Branco, que foi homologada pelo Decreto n. 93.074, de 06 de agosto de 1986. A T.I. Rio Branco, localizada no oeste do estado brasileiro de Rondônia (RO), fica compreendida entre três de seus municípios, a saber: Alta Floresta D'Oeste, São Miguel do Guaporé e São Francisco do Guaporé. Essa T.I., com área de 236.137 hectares, situa-se às margens do rio Branco, afluente do rio Guaporé, que, por sua vez, é afluente do rio Mamoré, que deságua no rio Madeira. Todos esses rios pertencem à Bacia Amazônica. Apresenta-se, a seguir, o mapa da localização da T. I. Rio Branco.



Fonte: Gottlog (2025)

Teoria sobre criação lexical e neologismo

De acordo com Biderman (2006), “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos”. Por meio da designação e da nomeação dessas realidades, um universo significativo é revelado pela linguagem. A nomeação é resultante do processo de categorização, que, por seu turno, “fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem”. O ato de nomear, portanto, segue a esse processo. É por essa razão que se considera a categorização como “o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos”.

Biderman (1998) esclarece sobre o processo de nomeação e de categorização.

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-lingüísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo. Nesse processo de diferenciação as categorias originais podem vir a ser subdivididas, ou ainda suprimidas; podem ser também reorganizadas e reformuladas, redundando em outras categorias gerais ou específicas. A espécie humana organiza o conhecimento através desse complexo processo de categorização. Por outro lado, o homem tem a capacidade de relacionar várias categorias umas com as outras e, conseqüentemente, de responder à relação entre as coisas, em vez de reagir diretamente às próprias coisas (Biderman 1998: 88).

Biderman acrescenta informações acerca dos critérios utilizados no processo de categorização.

O processo de categorização subjaz à semântica de uma língua natural. Os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Às vezes, o critério é o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação;

às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante (Biderman 1998: 89).

O registro do conhecimento que se tem sobre o universo, sobre as coisas do mundo, é viabilizado pelo léxico. No momento em que se nomeia as entidades perceptíveis e apreendidas do universo cognoscível, o ser humano as classifica simultânea e automaticamente. Dessa forma, tem-se a nomeação da realidade como “a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (Biderman, 2006). Ressalta-se que, quando o homem identificou semelhanças e, de modo inverso, discriminou os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, ele foi estruturando o conhecimento do mundo ao seu redor, nomeando, com palavras e termos, essas entidades por ele discriminadas. O léxico das línguas naturais, portanto, é decorrente desse processo de nomeação.

Biderman esclarece que “esse processo está indissolivelmente associado à cultura com que se conjuga uma língua natural” (Biderman, 2006). Como a cultura é dinâmica, dentro de si mesma e também das interações com outros grupos externos a essa cultura, novos conceitos vão surgindo continuamente e neologismos designadores desses novos conceitos vão se formando e se criando. Então, à medida que o ser humano se depara com novas realidades, ele cria palavras para designar os novos elementos advindos dessas realidades em um processo incessante.

O léxico das línguas naturais, portanto, é um sistema aberto e em expansão. Em vista disso, o acervo lexical de todas as línguas vivas encontra-se em constante renovação. Algumas palavras deixam de ser utilizadas e outras novas são incorporadas devido ao processo de criação lexical dos falantes de uma comunidade linguística. De acordo com Alves (1990), ao processo de criação lexical dá-se o nome neologia. O elemento resultante desse processo, a criação vocabular nova, e que é incorporado à língua, é chamado neologismo.

O conceito de neologia diz respeito a todos os fenômenos novos que atingem determinada língua. Guilbert (1975), linguista que produziu estudos relevantes no campo da neologia lexical, refere-se a esse tipo de neologia como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical. Esse autor também considera neológicas as inovações lexicais recebidas de outras línguas, ou seja, os empréstimos.

O linguista Jean-Claude Boulanger (1979), estudioso da neologia, definiu a nova unidade lexical, o neologismo, como “uma unidade lexical

de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua”.

Segundo Alves (1990), distinguem-se dois tipos de neologismos: o neologismo conceptual (ou semântico) e o neologismo formal. O neologismo conceptual diz respeito à nova acepção que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer. Nesse caso, verifica-se a ampliação de um campo semântico por meio de novas conotações que vão sendo dadas a um significante. No caso das comunidades indígenas, quando do contato com os não indígenas, aparecem com muita rapidez novos conceitos que vão sendo incorporados às respectivas línguas.

Os neologismos em Tuparí

Ocorrem na língua Tuparí vários casos de neologismos conceptuais, ou seja, de significantes já existentes que passaram a designar novos significados decorrentes desse contato com a comunidade não indígena. O significante a'pëyra, por exemplo, refere-se ao significado ‘cocar’, próprio da cultura Tuparí. Quando os Tuparí conheceram o chapéu e o boné, decidiram designá-los, por extensão, a'pëyra, em vista de os novos conceitos compartilharem traços semânticos com ‘cocar’. Portanto, ao significante a'pëyra foram acrescentadas essas novas conotações.

Outro exemplo representativo dessa mesma situação é o verbo ‘escrever’, cujo significante é ni'ka. Os Tuparí já utilizavam esse significante para se referirem ao conceito ‘tecer’. Como eles entenderam o ato de escrever como uma tecitura, ou seja, perceberam os símbolos da escrita como fossem entrelaçamentos de uma trama, passaram a usar o mesmo significante para os dois conceitos, quais sejam ‘tecer’ e ‘escrever’.

A seguir, encontram-se verbetes ilustrativos de neologismos conceptuais em que a primeira acepção é a que remete a um conceito da cultura Tuparí e a segunda é a que se refere ao neologismo, seguida da sigla (neo.). Os verbetes foram extraídos do trabalho “O léxico do Tuparí: proposta de um dicionário bilíngue” (Alves, 2004).

ame'ko s4. 1) onça. **ap'si-t ame'ko 'sip-na**. O meu papai flechou a onça. (→ ap'si, sa¹) s2. 2) cachorro (neo.) (*Canis*). **ame'ko-t taka'ra si'-to ♦ 'sa-et 'i:nk-a**. O cachorro farejou o rastro de anta. (→ 'i:nka, si'to, taka'ra)

<p>ameko'hin s4. 1) gato-do-mato (<i>Leopardus tigrinus</i>), jaguatirica (<i>Leopardus pardalis</i>). ameko'hir-en o-kan ♦ 'kan-k-a. O gato-do-mato me arranhou. (→ kan ♦ 'kanka) s2. 2) gato (neo.) (<i>Felis</i>).</p>
<p>jam ♦ kyp'siro s2. banco que tem pernas. (→ jam, kyp²) o-memsiroba'-to-t jam ♦ kyp-'siro 'ne-mna. O meu sogro fez um banco. (→ jam, kyp², memsiroba'to, na⁵) 2) cadeira (neo.).</p>
<p>'pawap s2. 1) espinho. 'pawa-et o-'mi-a. O espinho me furou. (→ 'mia) 2) agulha (neo.).</p>
<p>'peka¹, 'pekto-, pek t2. 1) pedir. a'rop ♦ hi:t 'nien?ã 'kit?i-t 'pek-a on. Eu pedi um pedaço de carne de caça. (→ a'rop ♦ hi:t, 'kit?i, on, 'nien?ã) o'kio-t a'rop ♦ hi:t 'nien?ã 'kit?i-t 'pek-to-?om. O homem não pediu um pedaço de carne de caça. (→ a'rop ♦ hi:t, 'kit?i, 'nien?ã, o'kio) a'rop ♦ hi:t 'nien?ã 'kit?i-t 'pek! Pede um pedaço de carne de caça! (→ a'rop ♦ hi:t, 'kit?i, 'nien?ã) 2) comprar (neo.). pe pa'ko-et 'pek-a on. Eu comprei a roupa nova. (→ on, pa'kop, pe⁴) pe pa'ko-et 'pek-to-m en. Você não comprou a roupa nova. (→ en, pa'kop, pe⁴) pe pa'ko-et 'pek! Compre a roupa nova! (→ pa'kop, pe⁴)</p>
<p>'pep?e s2. 1) nadadeira. ≈ 'ipot 'pep?e. nadadeira de peixe. (→ 'ipot) 2) gola (neo.) ≈ ko'rok?a ♦ pe 'pep?e. gola de camisa. (→ ko'rok?a, pe⁴)</p>

No caso do primeiro exemplo, o significante ame'ko já existia na língua para referir-se ao conceito 'onça'. Quando os Tuparí passaram a conhecer o conceito 'cachorro', adotaram o mesmo significante de 'onça', uma vez que, para eles, ambos os animais guardam características em comum.

No caso de ameko'hin, a explicação para a adoção de nova conotação é mais simples: o significante ameko'hin para o conceito 'gato-do-mato' e para o conceito 'jaguaririca' passou a designar todas as espécies de gatos, tanto as selvagens, já conhecidas pelos Tuparí, como as introduzidas pelos não indígenas.

No terceiro exemplo, o significante jam♦kyp'siro foi adotado também para o conceito ‘cadeira’, por partilhar traços semânticos em comum com o conceito ao qual já se referia primeiramente, ‘banco que tem pernas’, objeto muito utilizado na cultura Tuparí na época do contato.

Ao conceito ‘espinho’, no quarto exemplo, foi acrescido o novo conceito ‘agulha’, ambos referidos por meio do significante 'pawap, pois possuem características físicas bem semelhantes.

No quinto exemplo, 'peka ‘pedir’, observa-se que, para o novo conceito introduzido ‘comprar’, situação completamente desconhecida pelos indígenas Tuparí, foi utilizado o mesmo significante que se refere ao conceito ‘pedir’.

Com relação ao sexto exemplo, 'pepʔe, a gola de uma roupa foi interpretada pelos Tuparí como uma nadadeira de peixe, em razão da semelhança física existente entre as duas, ou seja, houve uma associação entre esses dois objetos. Por isso, adotou-se o mesmo significante 'pepʔe para os dois conceitos, ‘nadadeira’ e ‘gola’.

O neologismo formal constitui uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro, isto é, o neologismo tanto pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, que são os processos autóctones, como por itens lexicais advindos de outros sistemas linguísticos. Ocorre também o neologismo fonológico, em que o significante é totalmente inédito, como nas onomatopeias.

Na língua Tuparí, foram detectados casos representativos das situações descritas anteriormente. Alguns neologismos advindos do Português constituem ao mesmo tempo neologismos formais e neologismos conceptuais, uma vez que o significante tomado de empréstimo (neologismo formal) refere-se a um conceito novo (neologismo conceptual) para a cultura Tuparí. O conceito ‘arroz’, cujo significante em Tuparí é a'rojɬ, é um exemplo de neologismo simultaneamente formal e conceptual. Quando o arroz foi introduzido na cultura Tuparí, os falantes tomaram o significante arroz emprestado do Português e o adaptaram ao sistema fonológico da língua Tuparí. No quadro subsequente, encontra-se o verbete para a'rojɬ, extraído de Alves, 2004.

a'rojɬ s2. (do Port. arroz) arroz (*Oryza sativa*). **aro'it 'ter-a on.** Eu pisei o arroz. (→ on, 'tera')

A criação onomatopaica está calcada em significantes inéditos, que tenham sido criados sem base em nenhuma palavra já existente. No entanto, sabe-se que a formação de palavras onomatopaicas não é totalmente arbitrária, pois ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos. No caso da língua Tuparí, para novos conceitos, como ‘galinha’ e ‘vaca, boi’, foram criados significantes relacionados com os ruídos feitos por esses animais, ‘kora ♦ ‘kora e mojt, respectivamente. Nos quadros seguintes, há os verbetes com exemplos desses dois casos.

‘kora ♦ ‘kora s2. galinha (*Gallus gallus*) (neo.). **‘kora ♦ ‘kora op’-si?a-t ‘ap-k-a on.** Eu fritei o ovo de galinha. (→ ‘apka, on, op’si?a) ≈ **‘kora ♦ ‘kora kyt.** pinto (*Gallus gallus*). (→ kyt¹) ≈ **‘kora ♦ ‘kora o’kio.** galo (*Gallus gallus*). (→ o’kio) **‘kora ♦ ‘kora o’kio-t an’to-t ‘ko-pna.** O galo comeu a minhoca. (→ an’to, ka³, o’kio)

mojt s2. boi, vaca (neo.) **mojt ‘ano?a ♦ ‘pawk?a-t e’ra:t.** O pulmão do boi é grande. (→ ‘ano?a, e’ra:t, ‘pawk?a) ≈ **mojt ‘awsa.** chifre de boi. (→ ‘awsa) ≈ **mojt kem ♦ ‘koy.** leite de vaca, lit. leite de teta de vaca. (→ kem, -koy) ≈ **mojt kyt.** bezerro, lit. filhote de vaca ou de boi. (→ kyt¹)

Os neologismos formais da língua Tuparí podem ser subdivididos em duas categorias: aqueles que indicam a função do novo conceito e se dão pelo acréscimo de sufixo de instrumento e aqueles que descrevem fisicamente o novo conceito ou que indicam alguma característica dele. Exemplos do primeiro grupo podem ser observados no quadro a seguir.

a’kirikap s1. tesoura (neo.). (→ cf. a’kirika) **a’kirika-et a’pe-?om.** A tesoura não está amolada. (→ a’pe³)

a’pap?a ♦ o’?ap s1. xampu, lit. limpador de cabeça (neo.). (→ a’pap?a, cf. a’pap?a ♦ aw’kap, o’?ap)

kojt ♦ ‘kojtkap s2. escova, lit. esfregador (neo.). (→ cf. kojt ♦ ‘kojtka) ≈ **pe kojt ♦ ‘kojtk-ap.** escova de esfregar roupa. (→ cf. kojt ♦ ‘kojtka, pe⁴)

o'jẽ ♦ msi ♦ o'ʔap s2. escova de dente, lit. limpador de interior de boca. (→ o'jẽ, o'ʔa ² , -si ¹)
ten'kap s2. lanterna (neo.). (→ cf. ten)
'toap s2. espelho. (→ cf. 'toa) 'toa-et 'tenʔe . O espelho é brilhoso. (→ 'tenʔe)

O sufixo -ap, que indica instrumento, é extremamente produtivo. Esse sufixo foi utilizado para a criação de novos significantes, como está apontado nos verbetes do quadro anterior. O primeiro exemplo, a'kirikap 'tesoura', tem por base o verbo a'kirika 'pelar cabelo', já existente na língua. Os falantes acrescentaram ao verbo a'kirika o sufixo -ap para criar a'kirikap, o qual é o instrumento que serve para se pelar cabelo. No segundo exemplo, foi criado um significante para 'xampu' com base em o'ʔa 'limpar' e a'papʔa 'cabeça', o que resultou em a'papʔa ♦ o'ʔap, que significa literalmente limpador de cabeça. Para o conceito 'escova', apresentado no terceiro exemplo, foi criado o significante kojt ♦ 'kojtkap, que significa esfregador, a partir do verbo kojt ♦ 'kojtka 'esfregar', com a reduplicação da base para indicar o movimento utilizado durante o ato de se esfregar algo. No quarto exemplo, 'escova de dente', observa-se que a criação desse significante fundamentou-se em o'je) 'boca', msi (alomorfe de si 'interior') e o'ʔa 'limpar'; com o acréscimo do sufixo de instrumento -ap, o resultado foi o'je) ♦ msi ♦ o'ʔap, cujo significado literal é 'limpador de interior de boca'. Para a criação de ten'kap 'lanterna', os falantes tomararam por base o significante ten, já existente na língua, que significa 'foco'. Portanto, 'lanterna' é o instrumento que dá foco. No último exemplo, para o conceito 'espelho' foi criado o significante 'toap, cuja base é o verbo 'toa 'ver'. Os falantes, então, interpretaram 'espelho' como instrumento para se ver.

No quadro subsequente, estão elencados exemplos ilustrativos de neologismos formais em que a criação se baseou em outros processos da língua, tais como a composição ou a derivação por meio de outros sufixos.

<p>a'papʔa ♦ si'ep <i>s1</i>. travesseiro, lit. esteira de cabeça (neo.). (→ a'papʔa, si'ep) ≈ a'papʔa ♦ si'e-t 'pyjʔẽ. O travesseiro é macio. (→ a'papʔa, 'pyjʔẽ, si'ep)</p>
<p>jāj ♦ homki'at <i>s2</i>. dentista, lit. arrancador de dente(neo.). (→ homki'at, jāj)</p>
<p>kiakopʔi'ri <i>s2</i>. relógio, lit. solzinho (neo.). (→ <i>cf.</i> kia'kop) kiakop-ʔi'ri-t o-poa'ta-re te-'jā. O relógio está no meu pulso. (→ kia'kop, poa'ta)</p>
<p>kop'kap ♦ a'tatok <i>s2</i>. fósforo (neo.). (→ -a'tatok, kop'kap) o-'si ♦ pe'ar-en kop'kap ♦ a'tatok-et õ-'ʔer-a. A minha tia apagou o fósforo. (→ -a'-tatok, kop'kap, õ'ʔera, si ♦ pe'an)</p>
<p>ky'pe ♦ ki'atpat <i>s2</i>. avião, lit. canoa que fica lá em cima. (→ ki'at) o-pe-p ♦ 'ora on ky'pe ♦ kiat-'p-at-pe. Eu voei de avião. (→ ki'at, ky'pe, on, 'ora, <i>cf.</i> 'pepʔo)</p>
<p>tary'pa ♦ ha:p <i>s2</i>. cidade, lit. moradia de branco. (→ ha:p, tary'pa)</p>

Para o conceito ‘travesseiro’, como no primeiro exemplo, foi criado o significante a'papʔa ♦ si'ep de a'papʔa ‘cabeça’ e si'ep ‘esteira’, que significa, portanto, esteira de cabeça. O significante para o conceito ‘dentista’, arrancador de dente, como se apresenta no segundo exemplo, é jāj ♦ homki'at, proveniente de jāj ‘dente’ e homki'at ‘arrancador, tirador’. A palavra homki'at, por sua vez, veio do verbo 'homkia ‘tirar do corpo’ acrescido do sufixo agentivo -at. No terceiro exemplo, kiakopʔi'ri é o significante para ‘relógio’ e foi formado tendo por base o nome kia'kop ‘sol’ com o acréscimo do sufixo indicador de diminutivo -ʔi'ri, que significa solzinho, pois é através do relógio que se observa as horas tal qual os indígenas o faziam observando o sol, como um medidor de tempo. Com relação ao quarto exemplo, pode-se notar que kop'kap ♦ a'tatok é o significante para ‘fósforo’. Essa palavra foi formada a partir das bases kop'kap ‘fogo’ e a'tatok ‘pedaço de objeto que possui uma ponta’, o que

literalmente significa ‘pedaço de objeto que possui uma ponta de fogo’. No quinto exemplo, para o conceito ‘avião’ há o significante *ky'pe ♦ ki'atpat*, oriundo de *ky'pe* ‘canoa’ e *ki'at* ‘cima’, essa última base acrescida dos sufixos *-pe* ‘inessivo (indica o local em cujo interior se passa aquilo que é expresso pelo verbo)’ e *-at* ‘nominalizador de circunstância’. O significante *tary'pa ♦ ha:p* que se refere ao conceito ‘cidade’, no último exemplo, é proveniente das bases *tary'pa* ‘não indígena’ e *ha:p* ‘moradia’. Conclui-se, desta feita, que ‘cidade’ é moradia de não indígena.

Mais exemplos de neologismos formais podem ser verificados no campo do vestuário, que apresenta uma grande produtividade. Esses neologismos foram formados por composição, através de uma base indicativa de uma parte do corpo e também ora pela base *pe* ‘couro, pele’, ora pela base *h-ek* ‘casa’. A base *h-ek* é formada pelo prefixo relacional *h-* que indica a contiguidade do determinante e por *ek* que significa casa. No quadro seguinte estão apresentados exemplos de neologismos formais relacionados a vestuário.

<p>a'ramirã pe. vestido, lit. pele de mulher (neo.). (→ <i>pe</i>⁴) o-mensirop'si a'ramirã pe-t si'ʔa ♦ si'ʔa. O vestido da minha sogra é azul. (→ <i>mensirop'si</i>, <i>pe</i>⁴, <i>si'ʔa</i>)</p>
<p>'epa ♦ hek s1. óculos (neo.), lit. casa de olhos. (→ <i>ek</i>¹, <i>'epa</i>) a'ramirã' e-pa ♦ 'h-ek-et e'ra:t. Os óculos da mulher são grandes. (→ <i>a'ramirã</i>, <i>ek</i>¹, <i>'epa</i>, <i>e'ra:t</i>)</p>
<p>kem ♦ 'hek s2. sutiã (neo.), lit. casa de seio. (→ <i>ek</i>¹, <i>kem</i>)</p>
<p>ko'rokʔa ♦ pe s2. camisa, lit. pele das costelas. (neo.) (→ <i>ko'rokʔa</i>, <i>pe</i>⁴) o-ko'rokʔa ♦ pe-t sop. A minha camisa é vermelha. (→ <i>ko'rokʔa</i>, <i>pe</i>⁴, <i>sop</i>)</p>
<p>o'pe ♦ pe s1. calça, lit. pele de coxa. (neo.) (→ <i>o'pe</i>, <i>pe</i>⁴) hy'ry-re on o'pe ♦ pe-t pe'k-ap. Eu comprei duas calças. (→ <i>on</i>, <i>o'pe</i>, <i>pe</i>⁴, <i>pe'ka</i>)</p>

si'to ♦ hek s2. meia, lit. casa de pé. (→ ek ¹ , si'to)
si'to ♦ pe s2. sapato, lit. pele de pé. (→ pe ⁴ , si'to)

Outros exemplos de neologismos formais são encontrados em abundância no campo das armas de fogo. Esses neologismos são formados por composição e uma de suas bases é e'kyp 'flecha' ou pen 'arco', conforme se observa no quando que se segue.

e'kyp ♦ ata'jāj s1. espoleta (neo.). (→ -ata'jāj, e'kyp)
e'kyp ♦ ha: s1. chumbo (neo.). (→ e'kyp, -ha:)
e'kyp ♦ jen s1. pólvora, lit. fezes de flecha (neo.). (→ e'kyp, jen)
pen ♦ 'pot s2. cartucho (neo.), lit. conteúdo de espingarda. (→ cf. e'kyp ♦ pot, pen, pot)
pen ♦ 'sin s2. revólver (neo.), lit. arco pequeno. (→ pen, sin)
tary'pa ♦ pen s2. arma, lit. arco de branco (neo.). (→ pen, tary'pa)

O estudo da neologia lexical de uma língua permite a análise da evolução da sociedade que dela se utiliza, uma vez que as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade. Nas situações de comunidades indígenas, em razão do contato e, conseqüentemente, da introdução abrupta de novos conceitos, ocorre uma conjuntura propícia para dar vazão à criatividade léxica dessas comunidades. Em vista disso, este estudo da neologia lexical na língua Tuparí contribui para a análise dos processos de formações de novas palavras e da criatividade léxica do povo Tuparí. Foi mostrado, por meio de vários exemplos de neologismos da língua Tuparí, que o povo se mantém leal à

sua língua, visto que, para os novos conceitos incorporados pela cultura não indígena, são criadas palavras da própria língua Tuparí para designá-los.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. 1990. *Neologismo: criação lexical*. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios.
- ALVES, Ieda Maria. 2001. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, 40.
- ALVES, Poliana Maria. 2004. *O Léxico do Tuparí: proposta de um dicionário bilíngue*. 2004. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) —, Universidade Estadual Paulista – Campus Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. 1998. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2, pp. 81-118.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. 2006. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e Cultura*, 58 (2), São Paulo.
- BOULANGER, J. C. 1989. L'évolution du concept de NEOLOGIE de la linguistique aux industries de la langue. In: *SCHAETZEN, C. de. Terminologie anachronique*. Paris, Conseil International de la Langue Française, pp.193-211
- Glottolog 5.2 – Tuparí. Disponível em <<https://glottolog.org/resource/languoid/id/tupa1250>>. Acesso em mar. 2025.
- GUILBERT, L. 1975. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo, Edições Loyola.